



# O GARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SOUPERACCIDENS POLITICO.

*Alio servare modum nostri novare libertu:  
Parce e personis, dicere de vitiis.  
Martial. Liv. 10. Epist. 53.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Cada hum defende a sua profissão.*

Não he só na classe das pessoas indontas, que se encontrão os prejuizos de proflissão: entre os mesmos sabios lavra huma prevenção, que offende ao progresso das Scienças, e lhe diminue o preço para com muitas pessoas, que não tendo bastante penetração para extremar a verdade da mentira, deixão-se atear d'alguns discursos capiosos. Quasi todos os sabios, já para inveja, já por capricho, já por amor proprio, já por preocupação finalmente blazono de despresar as disciplinas, a que se não tem dedicado, parecendo não dar apreço, se não aos estudos a que se applicarão. D'aqui o Geometra despresa o Orador; o Orador tem em meaos preço ao Phisico; o Poeta não faz caso do Historiador, e este considera a todos trez por pessoas de mui pouco merito. O Jurista olha com piedade para quantos se não applicão unicamente ás Scienças Juridicas, e Sociaes; o Theologo finalmente julga-se muito sabranceiro a quantos se não dedicão á Theologia, e

todos os mais Sabios, e Litteratos conspirão contra elle, e o regalão á porfia com o titulo nado honroso de pedante.

No entender do Geometra a Poesia he hum entretenimento frívolo, que não serve nem para o bem do Estado, nem para o dos particulares; he applicação de homem vadio, que não esclarece o espirito, nem torna melhor o coração, pelo contrario ordinariamente estraga a ambos. Para elle os Poetas são hums mafraços, que se avezão a huma linguagem affectada, a expressões figuradas, a termos exquisitos: elles se entregão a ideias monstruosas, a que dão o epitheto de sublimes, e a hum engrimancão poético, que se chama entusiasmo, o qual cifra-se na inchação de palavras, e no desarranjo das ideias simples.

Com quanto mui pouco sensato pareça este juizo a respeito da Poesia; he com tudo o juizo dos trez quartos dos Mathematicos. Quasi todos vão de acordo com o celebre Paschal, espirito eminentemente Mathematico, que diz em os sens Pensamentos o seguinte: " Não se sabe em que consiste o delei-

te, objecto da Poesia; não se sabe qual he esse modelo, que se deve imitar; e em falta deste conhecimento inventá-rão-se certos termos extravagantes, que nada significão; como *Seculos de ouro, maravilha dos nossos dias: loureiro fatal, bello Astro, &c.* Chamão a este engrenauoso belleza poetica: mas quem imaginar huma mulher, actavia-dá por esse modello, verá huma linda senhora toda coberta de espelhos, e de perendengues de latão."

Os Poetas, e os homens d'engenho desfazão-se dos Mathematicos, e nada lhes ficio devendo. Elles os tem por homens destituídos de fantazia, fátos de ubanidade, e finalmente por veridiceras machinas de cálculo. O Abbade Cartaud de la Vilate no seu *Ensaio sobre o Gosto* julga a Fontenelle hum prodigo por ter podido betar a rastie-dade, e dureza das Mathematicas com a daçura, e graças das Boas Letras. Hum Geometra, diz elle, he ordinariamente hum boi. Saint-Etremont não os estimava mais, do que este, asseverando, que em nada invejava os seus conhecimentos, e menos a sua amizade.

O Orador menoscaba igualmente ao Geometra, e ao Poeta; por que o primeiro he destituído de espirito, e o segundo só se adorna de fulguradas. O Geometra, diz elle, he bordalengo, pensado, insípido, e útil à sociedade pelos seus cálculos, assim como o he ao pú-blico o cavallo, que faz girar a atafona. O Poeta só cereia a vadios, só agrada sem instruir, e he quasi synonimo de doido. Pelo contrario o Orador serve-se da eloquencia para socorrer a viuva, e o orfao, para defender a gloria da Pa-tria, como fizerão os Demosthenes, e Ciceres, para estabelecer, e sustentar com energia as eternas, e proficias ver-dades da Religião, o que praticá-ão ex-cellentemente os Bourdalones, os Mas-sillons, os La Raes, os Bossuels, os Flechiers, &c.

O Historiador da sua parte faz a po-

da ao Orador, dizendo, que este ordi-nariamente não he mais, do que hum impostor destro, que sabe ataviara me-tira com ornadornos da verdade. Lá-salta pela proa a todos o Juris-consulto, as-segurando, que não deve haver outro estudo, se não o das Leis sociaes, e que quem não tem hum gran Academico em as matérias de Direito, apenas se distingue dos brutos; por que anda so-bre douz pés. O Theologo pede meças a todos, e sustenta, que só se deve es-tudar Theologia, entre tanto que o Philosopho olha para elle com piedoso desprezo.

Taes são os sentimentos oppostos dos Literatos a respeito das Sciencias, de maneira que se o Públ co os julgasse pe-lo que elles dizem ordinariamente, des-presaria a todos por sua propria confis-são. O mesmo acontece com os diferen-tes profissões da So iudea. O Agricultor quer, que a agricultura fique a ci-ma de tudo; o Commerciante já des-preza o Agricultor; o Registrado en-tende, que só elle tem presídio na So-ciedade; o Padre sustenta, que está a cima de todas as classes, e o Medicos tem a presunção de ser o unico ho-mem verdadeiramente Encyclopedico, &c. &c.

Nunca leio, ou ouço taes contesta-ções, que me não recorde a bellissima Scena dos Mestres do Pão, Pindalgo de Moliere: e tão a propósito a julgo, que peço venia a meus respeitáveis leitores para aqui a traduzir. Pallão o Mestre de Musica, o Mestre de Dança, e o Sar-Jordão, que he o Pão Pindalgo, que to-mou a mania de aprender tudo, depois que se entusiasmou de nobre.

Snr. Jordão.

Eu aprenderei a Musica: mas não sei, que tempo me restará; por que além do Mestre d'armas, tenho assenta-do de tomar outro de Philosophia, que deve começar a instruir-me esta ma-nhã.

Mestre de Musica.

A Philosophia alguma cousa he; porém a Musica, Sr., a Musica!....

Mestre de Dansa.

A musica, e a Dansa!... Musica, e Dansa são tudo, que he preciso.

Mestre de Musica.

Nada há tão util ao Estado, como a Musica.

Mestre de Dansa.

Não há cousa tão necessaria ao homem, como a Dansa.

Mestre de Musica.

Sr. Musica não pode subsistir hain Estado.

Mestre da Dansa.

O homem noda pode fazer sem a Dansa.

Mestre de Musica.

Todas as desordens, todas as guerras, que vemos no mundo não acontecem, se não por falta de se aprender a Musica.

Mestre de Dansa.

Todas as desgraças dos homens, todos os males, de que estão cheias ás Historias, os erros dos Politicos, as faltas dos Grandes Capitães, tudo provem de se não saber dansar.

Sr. Jordão.

Como assim?

Mestre de Musica.

A guerra não base de falta de união entre os homens?

Sr. Jordão.

He verdade.

Mestre de Musica.

E se todos os homens aprendessem a Musica, não seria este o meio de se congrassarem, e de vermos no mundo a paz universal?

Sr. Jordão.

Tem toda a razão.

Mestre de Dansa.

Quando hum homem comete qual quer falta em seu proceder, quer em os negocios de familia, quer em o governo d'hum Estado, ou em o comandado d'hum exercito, não diz sempre --

Felane d'eu hum mau passo em tal negocio?

Sr. Jordão.

Assim se diz.

Mestre de Dansa.

E dar hum mau passo que entra cousa he, do que não saber dansar?

Sr. Jordão.

He verdade; ambos tem razão.

Felizmente o Publico não toma parte em tais parcialidades. Elle aproveita os talentos, e dá a cada hum o que lhe he devido. Louva o merito onde o encontra, colhe beneficio do que he util, gosta do agradavel, e deixa, que cada hum tome a premissão que lhe parecer; por que os defeitos dos Philosophos, dos Oradores, dos Juri-consultos, dos Historiadores, dos Theologos, dos Poetas não devem correr por conta da Philosophia, da Oratoria, da Jurisprudencia, da Historia, da Theologia, e da Poetica. De muitos modos se pode servir á Sociedade, e o que importa he, que todos sejamos justos, e que não faltemos aos nossos deveres.

### *Continuação das Maximas do Marquez de Maruá.*

Não haveria historia mais insípida, e insignificante, que a dos homens, se todas tivessem juizo.

Quem não pôde, ou não sabe acumular nunca chega a ser sabio, nem rico.

O estudo confere sciencia, mas a meditação e razonabilidade.

De necessário subir muito alto para bem de continar as illusões, e angustias d'ambição, poder, e soberania.

As revoluções politicas são ordinariamente, como os terremotos; destróem, mas não edificam.

Os Governos fracos fazem fortes os

ambiciosos, e insurgentes;

Ninguem he mais adulado, que os  
tyrannos: o medo faz mais lisonjeiros,  
que o amor.

( Continuar-se-há. )

### VARIEDADE.

Como toda a variedade deleita, se-  
gundo diz o antigo Proloquo; e huma  
grande parte dos meus coleadissimos  
Leitores gosta das chalaças, aqui lhes  
appresento hum Mote glozado em qua-  
tro Decimas, que para este fim me en-  
deressou certo curioso de Poesia, cujo  
nome me pedio, deixasse no timbreiro.

### Certas Meninas d'agora.

Não possuem hum só vintem;  
Ellas ao luxo não faltão,  
Eu não sei d'onde lhes vem.

### Gloza.

Já não me posso calar,  
Vendo tantas Senhoritas  
Com sedas, galas, e fitas  
Sem terem com que passar.  
Confesso, que no trajar  
Não sei distinguir por ora  
A pelintra da Senhora:  
Por certo, que causa espanto  
O ver como ganhão tanto  
Certas Meninas d'agora.

Os lucros d'humha mulher,  
Que se porta honestamente,  
Mal podem escassamente  
Chegar-lhe para comer.  
Não sei por tanto entender,  
Como podem vestir bem,  
Ir a theatros também,  
E distinguir-se em vaidade  
Meninas, que na verdade  
Não possuem hum só vintem.

Apenas vem moda nova,  
Ainda sendo mui cara,  
No preço não se repará,  
Se a gaienhice a approva.

No qu'a modestia repara  
Cuidão ellas, que s'extaltão,  
Com arte os restos esaltão  
De cores não naturaes;  
E embora falte o mais,  
Ellas ao luxo não faltão.

Falte a honra, falte tudo,  
A garridice não deixão,  
E do mundo inda se queixão  
Por não ser cego, nem mudo.  
Pois qu'homem serio, e sisudo  
Poderá levar a bem  
As relaxações, qu'ellas tem  
Com tanto repez matreiro?  
Se d'aqui não sáe dinheiro,  
Eu não sei donde lhes vem.

### Anedotas.

Certo fidalgo muito avarento viajava  
com seu filho, e não se arranchava, se  
não em os castellos, que encontrava em  
caminho. Hum dia achando-se o filho á  
meza com alguns amigos, e tractando-  
se a respeito de D. Quixote, disse-lhe  
hum maganão dos da companhia. " Sa-  
be Vm. a diferença, que há de seu pai  
a D. Quixote? He, que este tomava  
as estalagens por castellos, e seu pai to-  
ma os castellos por estalagens.

### Outra.

Hum sujeito, cuja avareza era bem  
conhecida, blasonava de haver perdido  
ao jogo huma somma consideravel sem  
proferir huma só palavra." Não me  
admira, disse certo magano; por que as  
grandes magoas costumão a ser mudas."

### Outra.

Hum cego tinha huma mulher, a  
quem muito amava, a pezar da lhe di-  
zerem, que era horrivelmente feia. Ap-  
parecco hum Medico e estrangeiro, pro-  
mettendo restituir-lhe a vista: mas o  
homem recusou, dizendo, que se visse,  
talvez perdesse o amor á sua esposa, "a  
amor que era toda a sua felicidade.



# O CARAPUCERO.

PERIODICO SEMPRE MORAL. E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modam nostri novere libet;  
Parcere iersonis, dicere de vitiis.  
Mareia t. iv. 10. fol. st. 53.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Cada hum defende a sua profissão.*

Não he só na classe das pessoas indutas, que se encontrão os prejuízos de profissão: entre os mesmos sabios havra huma prevenção, que offende o progresso das Sciencias, e lhe diminui o preço para com muitas pessoas, que já, tendo bastante penetração para extremar a verdade da mentira, deixam-se atear d'alguns discursos capciosos. Quasi todos os sabios, já para inveja, já por capricho, já por amor proprio, já por preocupação finalmente blasfêmia de desprezar as disciplinas, a que se não tem dedicado, parecendo não dar apreço, se não aos estudos a que se applicarão. D'aqui o Geometra despresa o Ladrão; o Orador tem em menor preço o Phisico; o Poeta não faz caso do Historiador, e este concidera a todos trez por pessoas de mui pouco merito. O Jurista olha com piedade para quantos se não applicam unicamente ás Sciencias Juridicas, e Sociaes; o Theologo finalmente julga-se muito sabranceiro a quantos se não dedicão á Theologia, e

todos os mais Sabios, e Litteratos conspiram contra elle, e o regalão á porfia com o título nada honroso de pedante.

No entender do Geometra a Poesia he hum entretenimento frívolo, que não serve nem para o bem do Estado, nem para o dos particulares; he applicação de homem vadio, que não esclarece o espirito, nem torna melhor o coração, pelo contrario ordinariamente estraga a ambos. Para elle os Poetas são hums maldosos, que se azevão a huma linguagem effectada, a expressões figuradas, a termos exquisitos: elles se entregão a ideias monstruosas, a que dão o epitheto de sublimes, e a hum enigma poético, que se chama entusiasmo, o qual cifra-se na inchação de palavras, e no desarraio das ideias simples.

Com quanto mui pouco sensato pareça este juizo a respeito da Poesia; he com tudo o juizo dos trez quartos dos Mathematicos. Quasi todos vão de acordo com o celebre Paschal, espirito eminentemente Mathematico, que diz em os seus Pensamentos o seguinte: " Não se sabe em que consiste o deli-

te, objecto da Poesia; não se sabe qual he esse modelo, que se deve imitar; e em falta deste conhecimento inventarão-se certos termos extravagantes, que nada significão; como *Seculos de ouro, maravilha dos nossos dias: loureiro fatal, bello Astro, &c.* Chamão a este engrâuauiso belleza poetica: mas quem imaginar huma mulher, actavia-  
da por esse modello, verá huma linda senhora toda coberta de espelhos, e de perendengues de latão."

Os Poetas, e os homens d'engenho desfazão-se dos Mathematicos, e nada lhes fíção devendo. Elles os tem por homens destituídos de fantazia, faltos de urbanidade, e finalmente por verdadeiras máquinas de cálculo. O Abbade Cartaud de la Vilate no seu *Ensaio sobre o Gosto* julga a Fontenelle hum prodigo por ter podido betar a rusticidade, e dureza das Mathematicas com a dureza, e graciosas das Boas Letras. Hum Geometra, diz elle, he ordinariamente hum boi. Saint Evremont não os estimava mais, do que este, asseverando, que era nada invejava os seus conhecimentos, e menos a sua amizade.

O Orador menoseava igualmente ao Geometra, e ao Poeta; por que o primeiro he destituído de espirito, e o segundo só se adorna de farfalhadas. O Geometra, diz elle, he bordalengo, pensado, insípido, e útil à sociedade pelos seus cálculos, assim como o he ao público o cavalo, que faz girar a atafona. O Poeta só recrêia a vadios, só agrada sem instruir, e he quasi synonymo de doido. Pelo contrario o Orador serve-se da eloquencia para socorrer a viuva, e o orfao, para defender a gloria da Patria, como fizera os Demosthenes, e Ciceros, para estabelecer, e sustentar com energia as eternas, e profuntas verdades da Religião o que praticarão excellentemente os Bourdaloues, os Massillons, os La Rues, os Bossuets, os Flechiers, &c.

O Historiador da sua parte faz a po-

da ao Orador, dizendo, que este ordinariamente não he mais, do que hum impostor destro, que sabe ataviar a mentira com os adornos da verdade. Lá salta pela proa a todos o Juris-consulto, assegurando, que não deve haver outro estudo, se não o das Leis sociaes, e que quem não tem hum gabinete Academicº em as matérias de Direito, apenas se distingue dos brutos; por que anda sobre dous pés. O Theologo pede meças a todos, e sustenta, que só se deve estudar Theologia, entre tanto que o Philosopho olha para elle com piedoso desprezo.

Taes são os sentimentos oppostos dos Litteratos a respeito das Sciencias, de maneira que se o Publico os julgasse pelo que elles dizem ordinariamente, despresaria a todos por sua propria confissão. O mesmo acentua com as diferentes profissões da Sociedade. O Agricultor quer, que a agricultura fique a cima de tudo; o Commercante já despreza o Agricultor; o Magistrado entende, que só elle tem prestímo na Sociedade; o Padre sustenta, que está a cima de todas as classes, e o Medico tem a presunção de ser o unico homem verdadeiramente Encyclopedico, &c. &c.

Nunca leio, ou ouço taes contestações, que me não recorde a bellissima Scena dos Mestres do Peão Fidalgo de Molieri: e tão a propósito a julgo, que peço venha a meus respeitaveis Leitores para aqui a traduzir. Faltão o Mestre de Musica, o Mestre de Dansa, e o Sar. Jordão, que he o Peão Fidalgo, que tomou a mania de aprender tudo, d'pois que se entusiasmou de nobre.

Sar. Jordão.

Eu aprenderei a Música: mas não sei, que tempo me restará: por que a'ém do Mestre d'ármas, tenho assentado de tomar outro de Philosophia, que deve começar a instruir-me esta manhã.

Mestre de Musica.

A Philosophia alguma causa he; porém a Musica, Sar., a Musica ! . . .

Mestre de Dansa.

A musica, e a Dansa ! . . . Musica, e Dansa são todo, que he preciso.

Mestre de Musica.

Nada há tão util ao Estado, como a Musica.

Mestre de Dansa.

Não há causa tão necessaria ao homem, como a Dansa.

Mestre de Musica.

Sem Musica não pode subsistir hum Estado.

Mestre da Dansa.

O homem nada pode fazer sem a Dansa.

Mestre de Musica.

Todas as desordens, todas as guerras, que vemos no mundo não acontecem, se não por falta de se sprender a Musica.

Mestre de Dansa.

Todas as desgraças dos homens, todos os males, de que estão cheias ás Historias, os erros dos Politicos, as faltas dos Grandes Capitães, tudo provém de se não saber dansar.

Sar. Jordão.

Como assim ?

Mestre de Musica.

A guerra não nascé de falta de união entre os homens ?

Sar. Jordão.

He verdade.

Mestre de Musica.

E se todos os homens aprendessem a Musica, não seria este o meio de se congressarem, e de virmos no mundo a paz universal ?

Sar. Jordão.

Tem toda a razão.

Mestre de Dansa.

Quando hum homem comete qual quer falta em *seu proceder*, quer em os negocios de familia, quer em o governo d'hum Estado, ou em o commando d'hum exercito, não diz sempre --

Fulano deo hum mau passo em tal negocio ?

Sar. Jordão.

Assim se diz.

Mestre de Dansa.

E dar hum mau passo que outra causa he, do que não saber dansar ?

Sar. Jordão.

He verdade; ambos tem razão.

Felizmente o Publico não toma parte em tais parcialidades. Elle aproveita os talentos, e dá a cada hum o que lhe he devido. Louva o merito onde o encontra, colhe beneficio do que he util, gosta do agradavel, e deixa, que cada hom tome a presunção, que lhe parecer; por que os defeitos dos Philosophos, dos Oradores, dos Jurisconsultos, dos Historiadores, dos Theologos, dos Poetas não devem correr por conta da Philosophia, da Oratoria, da Jurisprudencia, da Historia, da Theologia, e da Poetica. De muitos modos se pode servir á Sociedade, e o que importa he, que todos sejamos justos, e que não faltemos aos nossos deveres.

### *Continuação das Maximas do Marquez de Maricá.*

Não haveria historia mais insipida, e insignificante, que a dos homens, se todos tivessem inizio.

Quem não pôde, ou não sabe accumular nunca chega a ser sabio, nem rico.

O estudo confere sciencia, mas a meditação originalidade.

He necessario subir muito alto para fôr de-continuar es ilusões, e angustias d'ambição, poder, e soberania.

As revoluções politicas são ordinariamente, como os terremotos: destroem, mas não edificam.

Os Governos fracos fazem fortes os

ambiciosos, e insurgentes;

Ninguem he mais adulado, que os  
tyrannos: o medo faz mais lisonjeiros,  
que o amor.

( Continuar-se-há. )

### VARIEDADE.

Como toda a variedade deleita, se-  
gundo diz o antigo Proloquo; e huma  
grande parte dos meus colendissimos  
Leitores gosta das chalacás, aqui lhes  
appresento hum Mote glozado em qua-  
tro Decimas, que para este fim me en-  
deressou certo curioso de Poesia, cujo  
nome me pedio, deixasse no tinteiro.

#### Certas Meninas d'agora.

Não possuem hum só vintem;  
Ellaas ao luxo não faltão,  
Eu não sei d'onde lhes vem.

#### Gloza.

Já não me posso calar,  
Vendo tantas Senhoritas  
Com sedas, galas, e fitas  
Sem terem com que passar.  
Confesso, que no trajar  
Não sei distinguir por ora  
A pelintra da Senhora:  
Por certo, que causa espanto  
O ver como ganhão tanto  
Certas Meninas d'agora.

Os lucres d'uma mulher,  
Que se porta honestamente,  
Mal podem escassamente  
Chegar-lhe para comer.  
Não sei por tanto entender,  
Como podem vestir bem,  
Ir a theatros também,  
E distinguir-se em vaidade  
Meninas, que na verdade  
Não possuem hum só vintem.

Apenas vem moda nova,  
Ainda sendo mui cara,  
No preço não se repará,  
Se a gamenhice a approva.

No qu'a modestia repreva  
Cuidão ellaas, que s'extaltão,  
Com arte os restos esmaltão  
De cores não naturaes;  
E embora falte o mais,  
Ellaas ao luxo não faltão.

Falte a honra, falte tudo,  
A garridice não deixão,  
E do mundo iuda se queixão  
Por não ser cego, nem mudo.  
Pois qu'homem serio, e si tudo  
Poderá levar a bem  
As relaxações, qu'ellaas tem  
Com tanto rapz matreiro?  
Se d'aqui não sáe dinheiro,  
Eu não sei donde lhes vem.

#### Anecdotas.

Certo fidalgo muito avarento viajava  
com seu filhe, e não se arranjava, se  
não em os castellos, que encontrava em  
caminho. Hum dia achando se o filho á  
meza com alguns amigos, e trastando-  
se a respeito de D. Quixote, disse-lhe  
hum maganão dos da companhia. "Sa-  
be Voi, a diferença, que ha de seu pai  
a D. Quixote? He, que este tomava  
as estalagens por castellos, e seu pai to-  
ma os castellos por estalagens.

#### Outra.

Hum sujeito, cuja avareza era bem  
conhecida, blasonava de haver perdido,  
ao jogo huma somma considerável sem  
preferir huma só palavra." Não me  
admira, disse certo magano; por que as  
grandes magoas costumão a ser diuidas."

#### Outra.

Hum cego tinha huma mulher, a  
que muito amava, a pezar de lhe di-  
zerem, que era horrivelmente feia. Ap-  
pareceo hum Medico estrangeiro, pro-  
mettendo restituír-lhe a vista: mas o  
homem recusou, dizendo, que se visse,  
talvez perdesse o amor à sua esposa, a  
morr que era toda a sua felicidade.